

Um “homem de letras” no Brasil oitocentista: Joaquim Norberto de Sousa e Silva entre História e Literatura

A “man of letters” in Brazil in the nineteenth century: Joaquim Norberto de Sousa and Silva between history and literature

Janaina Borgonha Santana¹

Resumo: O Brasil Império é marcado na historiografia pelos debates em torno das transformações políticas e culturais ao longo dos oitocentos. Dentre os envolvidos com tais debates, destaca-se Joaquim Norberto de Sousa e Silva (1820-1891), literato, historiador, poeta, crítico literário e presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), interessado pelas discussões literárias e históricas de seu tempo. Este artigo problematiza a trajetória intelectual de Joaquim Norberto, com fundamentação teórico-metodológica pautada na análise de discurso e nos debates acerca de História e Literatura tendo em vista a proximidade entre escrita histórica e literária nesse período. Nesse sentido, conclui-se que Joaquim Norberto esteve envolvido com produções escritas, movimentos literários e instituições que fomentavam debates de amplitude nacional, o que demonstra as relações entre Literatura e História no século XIX e como os sujeitos históricos agem a partir de sua realidade, dos interesses que defendem e do contexto em que viveram.

Palavras-Chave: História. Literatura. Brasil Império.

Abstract: Brazil Empire is marked in historiography by the debates around the political and cultural transformations throughout the eight hundred years. Among those involved in such debates, Joaquim Norberto e Souza e Silva (1820-1891), literacy, historian, poet, literary critic and president of the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), interested in the literacy and historical discussions of his time, stands out. This article questionsthe intellectual trajectory of Joaquim Norberto, with a theoretical-methodological foundation based on discourse analysis and debates about history and Literature, in view of the proximity between historical and literacy writing in that period. In this sense, it is concluded that Joaquim Norberto was involved with written productions, literacy movements and institutions that promote nationwide debates, which demonstrates the relations between Literature and History in the 19th century and how historical individuals act from their reality, the interests they defend and the context in which they lived.

Keywords: History. Literature. Brazil Empire.

Introdução

Os anos finais do período Regencial (1837-1840) e principalmente o Segundo Reinado (1840-1889), marcaram a História do Brasil como um contexto de efervescência cultural, a partir do surgimento de faculdades, da circulação de romances, músicas e poemas que exaltavam e evidenciavam as características próprias da Nação que se consolidava. Nesse sentido, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838, movimentou os estudos sobre o Brasil e estabeleceu uma instituição voltada à pesquisa no país.

Entre os membros do Instituto Histórico envolvidos nas discussões em torno da formação de uma cultura autenticamente nacional para o Brasil encontrava-se Joaquim Norberto de Sousa e Silva(1820-1892),

¹ Graduada em História – Licenciatura, pela Universidade Regional de Blumenau. Artigo proveniente da monografia intitulado “Joaquim Norberto de Sousa e Silva e a biografia romântica dos poetas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1870-1892)”, orientada pela Prof.^a Dr.^a Cristina Ferreira no ano de 2017. Email: janaborgonha@hotmail.com.

poeta, historiador, literato e crítico literário². A proposta desse artigo, portanto, está circunscrita na problematização da trajetória de J. Norberto como “homem de letras” no Brasil oitocentista, ou seja, de um “indivíduo voltado para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes”³, dedicado às letras. Entretanto, deve-se tomar cuidado para evitar tomar as ações do letrado a partir de um “modelo padrão” ou “típico”, pois “nós e nossos personagens não somos modelos de coerência”⁴, mas agimos a partir de diferentes contextos, realidades e interesses. Tal leitura pretende ampliar as possibilidades de análise das questões específicas dessa personagem e que denotam a pluralidade e heterogeneidade de uma sociedade.

Isso porque, o interesse por História e Literatura de escritores e pesquisadores nesse período histórico vinculava-se às discussões acerca da construção de um passado particular para o Brasil.⁵ Além disso, havia uma linha tênue entre História e Literatura no século XIX, pois, nesse contexto histórico as duas conferiam sentidos e constituíam ideais sobre a realidade social por meio da escrita⁶ sobre o passado da Nação. Um exemplo disso são algumas das obras de Joaquim Norberto de Sousa e Silva: *Livro de Meus Amores* (1849), *Romances e Novelas* (1852), *História Brasílica ou Considerações Gerais Sobre a História Brasileira* (1860) e *História da Literatura Brasileira* (1859-1862).

O estudo intensivo de produções escritas nos permite compreender a diferença nos modos de narrar “a partir de seu contexto de fabricação”⁷ o que fornece ao trabalho do historiador a possibilidade de desenvolver uma leitura crítica com a intenção de analisar no discurso as diversas “lutas travadas nas sociedades para dar significado ao mundo”⁸ em que vivem. Dessa forma, buscamos investigar as contribuições de Joaquim Norberto de Sousa e Silva primeiramente a partir de sua trajetória no âmbito pessoal, aliado aos seus escritos literários, até seu envolvimento com a pesquisa histórica e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

² SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2002. p. 35.

³ CHARTIER, Roger *apud* VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001. p. 2.

⁴ BORGES, Vera Hercília Faria Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 220.

⁵ Os letrados que se voltavam aos estudos históricos, envolvidos com o IHGB preconizavam um ideal de passado para a Nação que mantivesse uma continuidade com Portugal, tendo em vista a manutenção de uma monarquia portuguesa no Brasil e os interesses políticos e econômicos envolvidos nesse processo. Já escritores voltados à literatura pretendiam a quebra com os estilos portugueses e defendiam um ideal de Nação autenticamente brasileiro, apartado de Portugal.

⁶ FERREIRA, Cristina; LENZ, Thiago. A Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães, e as polêmicas literárias com José de Alencar sobre a natureza e os povos indígenas do Brasil (1856). In: SILVA, Bruno da; FURTADO, André Carlos (Orgs.). *Passados impressos: estudos sobre a circulação de ideias (séculos XVII-XX)*. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 123.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os novos parceiros da História: nas fronteiras do conhecimento. In: _____. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

⁸ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2003. p. 23.

“Poeta, historiador, literato e crítico literário”: Joaquim Norberto de Sousa e Silva

Joaquim Norberto de Sousa e Silva nasceu em 06 de junho de 1820 no Rio de Janeiro, Corte do Império português e futura capital do Império do Brasil (1822). Filho do negociante Manoel José de Souza e Silva e D. Emerenciana de Souza e Silva⁹, as informações sobre o período inicial da vida de J. Norberto são escassas. A ausência de documentação, portanto, nos impossibilita acessar todas as experiências que marcaram uma trajetória singular, pois “escrever a vida é um trabalho inacabado e infindável”¹⁰ de busca por vestígios.

Após concluir seus estudos de Filosofia e Retórica no Colégio Emolução¹¹, J. Norberto dedicou-se ao funcionalismo público¹², função que conferia certa segurança e estabilidade por se tratar de uma “fonte estável de rendimento”¹³. Entre 1859 e 1887, Joaquim Norberto trabalhou na Secretaria de Estado dos Negócios do Império e, até o início de 1843, atuou na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, onde demonstrava “preocupação com o arquivamento dos documentos”¹⁴, devido à negligência e o desleixo que percebia com os mesmos.

Sua carreira no setor público não impossibilitou J. Norberto de cuidar da vida privada e, em 1842, casou-se com D. Maria Teresa Alves Pereira, a quem dedicou o *Livro de Meus Amores* (1849)¹⁵. Na introdução desse trabalho o escritor narra sobre “curtas e breves poesias eróticas” que escreveu, durante aproximadamente oito anos para descrever o que chamou de “fases da existência amorosa de um poeta.”¹⁶ Dessa relação com D. Maria Teresa nasceram os filhos do casal, duas meninas e quatro meninos (1843-1851). O nome dos filhos homens, segundo José Américo Miranda, seguiam a moda dos nomes com apelo indígena ou nativista como “Artur Niteroíno, Oscar Guanabarino, Armando Fluviano e João Sapucaíno.”¹⁷ Esse uso dos nomes com teor nacionalista faz parte de uma prática que se desenvolvera no Brasil desde a Independência (1822) quando a emancipação política “desencadeou um movimento lusófobo e nativista de

⁹ ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo LV parte II, p. 484-488, 1893. p. 485.

¹⁰ FERREIRA, Cristina. Souza, Laura de Mello e. Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 437-440, 2012. p. 439.

¹¹ SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. p. 39.

¹² ALVES, Op.cit.,p. 485.

¹³ CARVALHO, José Murilo de. A elite política nacional: definições. In: _____. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 56.

¹⁴ SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. p. 44-45.

¹⁵ AZEVEDO, Sílvia Maria. *Joaquim Norberto de Sousa Silva: poeta, dramaturgo e romancista*. s./p..Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/106>> Acesso em: 21 out. 2017.

¹⁶ SOARES, Op.cit., p. 47-48.

¹⁷ SOUZA, Roberto Acízelo de. Joaquim Norberto e o indianismo. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 15-31, 2012, p. 17.

troca de nomes de batismo”¹⁸. A escolha de Joaquim Norberto e Maria Teresa por nomes que remetem à cultura indígena encontrava-se em consonância com os debates acerca das questões nacionais e a defesa por um “nacionalismo político e literário”¹⁹ presentes naquele período.

Em 15 de maio de 1891, a *Gazeta de Notícias* da Corte noticiou a morte de Joaquim Norberto, causada, segundo o jornal, devido ao “envenenamento por ácido fênico”²⁰, que ingeriu por engano, pensando que era remédio”²¹. As notas e declarações que falavam de sua morte, destacaram a trajetória de Joaquim Norberto como “um dos cultores mais fecundos das letras pátrias, que enriqueceu com produções de valor em vários gêneros, principalmente na poesia e na história.” Além disso, demarcava-se sua participação no Instituto Histórico, ao apontar que “ninguém se consagrou com mais dedicação, e isto por longos anos.”²² Essa forma laudatória de narrar a contribuição do letrado na cultura brasileira, no entanto, pode ser contraposta, se comparada aos necrológios da *Gazeta de Notícias*, que alegava que “os rapazes de hoje quase o não conheciam”. Esse desconhecimento sobre seus escritos era atribuído à necessidade de “ter acompanhado ou lido o que se escrevia há trinta anos, para formar um juízo sobre o espírito eminentemente laborioso desse velho que ainda ontem representava o nosso Instituto Histórico”²³.

Em 1893, dois anos após a morte de J. Norberto, foi publicado na Revista do IHGB um texto em sua homenagem intitulado *Elogio dos sócios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje*, escrito por José Luiz Alves. Nesse artigo de quatro páginas, o letrado foi lembrado por sua contribuição como escritor de poemas e romances e por sua participação nos periódicos “*Despertador*, a *Gazeta Universal Braziliense*, o *Muzeu Pitoresco*, o *Guanabara*, a *Semana*, e a *Revista Popular*”²⁴, que lhe conferiram visibilidade como escritor, pois a imprensa “constituiu-se em um dos elementos fundamentais para a vida intelectual da época”²⁵. A contribuição do letrado em diversos periódicos da Corte, além da publicação de livros de literatura e de seus estudos históricos lhe renderam títulos como de “poeta, historiador, literato e crítico literário”²⁶.

É interessante destacar que no texto da *Revista* do IHGB, menos de uma página do necrológio foi dedicada às produções de Joaquim Norberto na área da História, ainda que o discurso o aponte como “um

¹⁸ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: _____. (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1997. p. 53.

¹⁹ SOUZA, Op.cit., p. 17.

²⁰ Esse ácido era um composto sólido, solúvel em água, tóxico, que possui ação cáustica e, ao ser ingerido pode afetar o sistema nervoso central, fígado e rim.

²¹ JOAQUIM Norberto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 134, 15 de maio de 1891. p. 1.

²² NOTÍCIAS Diversas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, 15 de maio de 1891. p. 2.

²³ CRÔNICA da Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 136, 17 de maio de 1891. p. 1.

²⁴ ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo LV parte II, p. 484-488, 1893. p. 485.

²⁵ SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces*, p. 44-56, agosto, 2007. p. 45.

²⁶ SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. p. 35.

dos mais eruditos e incansáveis investigadores”²⁷ da história pátria. Cabe, portanto, questionarmos a forma como o Instituto quis demarcar a memória de seu antigo presidente, pois, diferentemente do que se acredita, a narrativa de uma vida como uma sequência lógica de ações e acontecimentos faz parte de “uma ilusão retórica”²⁸, isso porque, a trajetória de uma personagem não se constituísse a partir de escolhas coerentes que a levam a determinado fim. Assim, a morte súbita de Joaquim Norberto permite pensar a vida humana não pela via da unidade, racionalidade ou linearidade, mas por meio de aspectos específicos que se entrelaçam²⁹ para constituir o todo das experiências vividas.

A escolha de J. Norberto em dedicar-se à escrita literária e histórica vai ao encontro das discussões presentes no contexto histórico em que o letrado viveu, pois, no século XIX, História e Literatura não podem ser pensadas como áreas distintas, com fronteiras definidas, pois, ambas “exprimem sentidos e significados ao mundo social por meio de suas narrativas”³⁰ e estão interconectadas. No oitocentos, esses dois gêneros narrativos produziram discursos que auxiliaram na construção de interpretações acerca da fundação do Brasil e a “história bebeu nos recursos da narratividade literária, aproximando-se ora do rigor de verdade científica, ora do ensaio, com bases fortemente científicas”³¹. Por sua vez, a literatura usufruía da História, sobretudo na composição dos romances históricos, ao retratar a fauna, a flora e os próprios “brasileiros”. Essa evidência da “paisagem nacional e seus habitantes”³² pretendia constituir uma narrativa que demarcasse as singularidades do Brasil e renovasse a área ao abandonar os antigos padrões do poema épico e clássico e instaurasse um padrão próprio para a escrita nacional. Assim, a mobilização de ambos os estilos narrativos permitiram que “memória, história e literatura fossem aproximados no que se considerava verdadeira missão para a construção e condução da nação”³³ num processo de fortalecimento do Estado nacional.

Nesse contexto de transição política e cultural se fortaleceu no Brasil o Romantismo, movimento cultural que se constituiu na Europa “em meio aos anseios provocados pela época da Revolução Francesa”³⁴. Em um período de conturbadas mudanças sociais, o Romantismo retomava valores e ideais que resgatavam

²⁷ ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo LV parte II, p. 484-488, 1893.p. 487.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 185.

²⁹ BORGES, Vera Hercília Faria Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 225.

³⁰ FERREIRA, Cristina; LENZ, Thiago. A Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães, e as polêmicas literárias com José de Alencar sobre a natureza e os povos indígenas do Brasil (1856). In: SILVA, Bruno da; FURTADO, André Carlos (Orgs). *Passados impressos: estudos sobre a circulação de ideias (séculos XVII-XX)*. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 123.

³¹ NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e texto literário: alguns apontamentos. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 37-48, 2006. p. 39.

³² LENZ, Thiago. *O Guarani e os nativos idealizados pelo romantismo histórico: José de Alencar entre a Literatura e a História no Brasil oitocentista*. 2015. 92f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2015. p. 24.

³³ NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e texto literário: alguns apontamentos. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 37-48, 2006. p. 44.

³⁴ SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. p. 14-15.

o passado individual de cada nação e projetava a expectativa do futuro. A relação entre passado e futuro se estabelecia no momento em que o presente tornava-se um período incoerente e transitório. Assim, o Romantismo se estruturou “na quebra com as estruturas do passado”, onde se “ansiava pelo futuro, vendo o presente como uma autêntica ‘primavera dos povos’: um tempo no qual, finalmente, poderiam ver realizados os ideais humanos de felicidade, bondade e perfectabilidade.”³⁵ O nacionalismo constitui-se assim como uma das principais características dos românticos, pois foi a partir do debate sobre nação que se delineava a história de um povo e, consequentemente, criava-se um lugar estável para projeção do futuro.

Dentre as figuras representativas desse movimento no Brasil, podemos citar Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Torres Homem, devido suas contribuições na defesa de um “nacionalismo literário como dever patriótico”³⁶, viabilizado, em 1836, com a organização da *Nitheroy, Revista Brasiliense. Sciencias, Lettras e Artes*³⁷. A *Revista Nitheroy* foi o primeiro meio de divulgação do Romantismo brasileiro, cujo destaque recaia na frase estampada na capa: “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”³⁸. Assim, por meio desse periódico, o movimento romântico se consolidou no país.

Aluno de Magalhães³⁹ e interessado pelo movimento romântico, Joaquim Norberto entrou em contato com questões importantes relacionadas aos “aspectos sociais e políticos de seu tempo, como a frágil unidade nacional do Brasil”⁴⁰ e a necessidade de consolidar uma história para o país. Além disso, o letrado integrou o corpo editorial de jornais de circulação do Rio de Janeiro como “*Minerva Brasiliense, Guanabara, Semana e Jornal do Comercio*”⁴¹. Dentre suas publicações, a que lhe rendeu maior visibilidade no mundo das letras foi a poesia *Balatas e Modulações poéticas* (1841), livro que lhe inscreveu “entre os discípulos mais jovens da primeira geração romântica, liderada por Gonçalves de Magalhães”⁴². Nesse sentido, “tentar compreender uma vida” é um exercício impossível caso desconsiderermos “a matriz das relações”⁴³ entre a personagem e seu contexto histórico.

Na *Revista Popular*, publicada no Rio de Janeiro, evidenciava-se a heterogeneidade das produções de Joaquim Norberto, tendo em vista sua presença em diversas seções, como: *Brasileiras Célebres*, onde

³⁵Ibidem, p. 16.

³⁶AZEVEDO, Sílvia Maria. *Joaquim Norberto de Sousa Silva: poeta, dramaturgo e romancista*. s./p.. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/106>> Acesso em: 21 out. 2017.

³⁷CANDIDO, Weslei Roberto; CAIRO, Luiz Roberto Velloso. As contribuições da Nitheroy, Revista Brasiliense na constituição do campo intelectual brasileiro. *TriceVersa*, Assis, v.1, n.2, p. 112-133, nov. 2007/abr. 2008. p. 113.

³⁸NITHEROY, *Revista Brasiliense*. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836.

³⁹SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.p. 39.

⁴⁰SILVA, Giuslane Francisca da Silva; GAMA, Luciana Coelho. Entre a Monarquia e a República: imagens de Tiradentes em Joaquim Norberto de Souza e Silva e Lúcio José dos Santos. *Em tempos de Histórias*, Brasília, n. 26, p. 100-112, jan./jul 2015. p. 103-104.

⁴¹SOARES, Op. cit., p. 39.

⁴²AZEVEDO, Sílvia Maria. *Joaquim Norberto de Sousa Silva: poeta, dramaturgo e romancista*. s./p.. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/106>> Acesso em: 21 out. 2017.

⁴³BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 189-190.

publicou diversos textos biográficos de mulheres como *Dona Maria Úrsula de Abreu Lencastre* e *Dona Rosa Maria de Siqueira*, figuras que “distinguiram-se por sua coragem guerreira”⁴⁴ na luta contra os holandeses no período colonial e; a seção *Poemas*, onde escreveu *Poesia dos Selvagens Brasileiros* e *Só uma flor no álbum de uma sobrinha*, títulos que nos permitem perceber o interesse do letrado pela questão indígena e a natureza brasileira, presentes em muitas produções desse contexto. Segundo Maria Eunice Moreira, a Revista Popular enquadrava-se principalmente nos moldes de uma proposta voltada ao estudo e publicações sobre a literatura brasileira, tornando-se “órgão do Romantismo” e “centro dinâmico na renovação das ideias literárias”. O enfoque da revista pelos “assuntos nacionais e o endosso ao programa nacionalista pode ser comprovado pela publicação de um de seus colaboradores mais assíduos; Joaquim Norberto de Sousa e Silva.”⁴⁵

O letrado também possuía textos que versavam entre a História e Literatura, com as produções: *Nacionalidade da Literatura Brasileira*⁴⁶, *Introdução Histórica sobre a Literatura Brasileira*⁴⁷ e *Despertador o bosquejo da História da Literatura Brazileira* (1841), publicados nas colunas de periódicos e mais tarde lançados em formato de livro⁴⁸. Fora os textos assinados com seu nome, J. Norberto também publicou sob pseudônimos, a saber: Fluviano, Achimbert e Jonor, entre outros que talvez não foram identificados pelos estudiosos da literatura⁴⁹.

Diante dessa pluralidade de interesses e publicações, concordamos com José Américo Miranda, que divide a produção de Joaquim Norberto em três fases. Ainda que essa classificação possa levar a certas simplificações e distorções da personagem, cabe retomá-la de forma a perceber as mudanças nos temas privilegiados pelo letrado, de modo a compor uma relação entre a personagem e o contexto de produção de suas publicações⁵⁰. Dentre as fases da produção de Joaquim Norberto, a primeira (1841-1846) esteve voltada à “nacionalidade do país e de sua literatura”⁵¹; a segunda (1846-1859) vinculada à sua dedicação e atenção

⁴⁴ ENDERS, Armelle. “Plutarco Brasileiro” A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, p. 41-62, 2000. p. 52.

⁴⁵ MOREIRA, Maria Eunice. Joaquim Norberto e a Revista Popular. *Letras de Hoje*, Porto Alegre/Brasil, v. 31, n.4, p. 53-61, 1996. p. 54.

⁴⁶ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. Nacionalidade da Literatura Brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo VI, p. 298-, 1860. A continuidade encontra-se nos tomos VII, VIII, IX.

⁴⁷ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. Introdução Histórica sobre a Literatura Brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo IV, p. 357-364, 1859. A continuidade encontra-se no tomo V, p. 21-33, 1860.

⁴⁸ ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo LV parte II, p. 484-488, 1893. p. 485.

⁴⁹ Importante destacar que o uso de pseudônimos era um recurso utilizado por outros escritores nesse período histórico, como José de Alencar e Machado de Assis. Ver: MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. A leitura feminina sob tutela na imprensa oitocentista. *Recorte* (UninCor) , v. 1, p. 1-15, 2015. p. 7.

⁵⁰ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 180.

⁵¹ Durante esse período, foi lançada a peça de teatro *Amador Bueno ou A Fidelidade Paulistana* (1846), sua única produção que subiu aos palcos. Ver: MIRANDA, José Américo. A invenção da Literatura. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. p. 18.

para o teatro⁵² e a literatura⁵³; e, a terceira (1859-1891) destaca-se pelo “florescimento de sua atividade de historiador”⁵⁴, devido suas obras voltadas à pesquisa histórica⁵⁵.

Enquanto produzia seus trabalhos, Joaquim Norberto também estabeleceu em 1872, conexões com a B. L. Garnier, “a mais importante” das editoras no Brasil oitocentista, que funcionou de 1844 a 1934.⁵⁶ Um dos projetos editoriais da Garnier visava sanar a “justa reclamação dos amantes da nossa moderna literatura” proporcionando “aos autores nacionais que formam e devem formar com as suas antigas obras” um espaço para veiculação de seus escritos. A *Brazilia*, coleção que contemplaria essas produções, pretendia a “glória literária do nosso país.”⁵⁷ A participação de J. Norberto nesse empreendimento esteve articulada à organização de dois livros: *Obras Completas de Casimiro de Abreu* (1870) e *Obras Poéticas de Laurindo José da Silva Rabello coligidas, anotadas precedidas do juízo crítico de escritos nacionais e de uma notícia sobre o autor e suas obras* (1876).⁵⁸ Nesse sentido, é possível perceber que os temas nacionais evidenciam-se nos títulos e produções que interessavam ao letrado. Ainda que sua produção tenha alcançado uma grande editora e se diversificado em uma extensa obra lírica, dramática e narrativa, J. Norberto não se destacou a ponto de receber “apreço de seus contemporâneos, e menos ainda da posteridade.”⁵⁹

Um exemplo de uma de suas pesquisas de fôlego que não se destacaram em seu período e na posteridade, foram os seis capítulos da *História da Literatura Brasileira*, lançados individual e desordenadamente (1859-1962)⁶⁰ na *Revista Popular* que, posteriormente (1855), transformou-se em livro, onde o letrado reforça sua divisão da história literária brasileira, já apresentada em *Bosquejo da História da*

⁵² MIRANDA, José Américo. A invenção da Literatura. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. p. 18.

⁵³ Quando foi ao público: *Livro de Meus Amores* (1849), poemas dedicados à sua esposa; *Flores Entre Espinhos; A Viuvinha; Romances e Novelas* (1852); além das peças *Clitemnestra* (1847); *O Chapim do Rei* (1854); e, *Colombo ou O Descobrimento do Américo* (1854).

⁵⁴ MIRANDA, José Américo. A invenção da Literatura. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. p. 18.

⁵⁵ Com os livros: *História Brasílica ou Considerações Gerais Sobre a História Brasileira*, (1860); *Brasileiras Célebres* (1862), compilado de biografias publicadas na *Revista Popular*; *História da Conjuração Mineira*, (1873), estudo desenvolvido ao longo de treze; *Os Beijos*, (1865); *Galicismos, Palavras e Frases da Língua Francesa Introduzidos por Descuido, Ignorância ou Necessidade na Língua Portuguesa*, (1877) e *A Cantora Brasileira*, (1878). E a peça *Beatriz ou Os Franceses no Rio de Janeiro*, (1860-1861).

⁵⁶ HALLEWELL, Laurence. Baptiste Louis Garnier. In: _____. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. p. 56.

⁵⁷ ADVERTENCIA sobre a presente edição. In: ABREU, Casimiro de. *Obras completas de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1877. s./p..

⁵⁸ Não foram encontrados estudos sobre esse segmento da Garnier ou mesmo detalhes sobre a participação de Joaquim Norberto. Entretanto, esse tema é interessante a autora e suscita motivação para a ampliação de novas pesquisas.

⁵⁹ SOUZA, Roberto Acízelo de. Joaquim Norberto e o indianismo. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 15-31, 2012. p. 17.

⁶⁰ Os capítulos intitulavam-se: *Tendência dos Selvagens Brasileiros Para a Poesia* (1859); *Catequese e Instrução dos Selvagens Brasileiros, Pelos Jesuítas* (1859); *Introdução Histórica Sobre a Literatura Brasileira* (1859 e 1860); *Nacionalidade da Literatura Brasileira* (1860); *Originalidade da Literatura Brasileira* (1861); e, *Da Inspiração que Oferece a Natureza do Novo Mundo a seus Poetas* (1862). Importante destacar que os capítulos foram publicados em ordem diferente quando foram compilados para o formato de livro. Conforme: MIRANDA, José Américo. A invenção da Literatura. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. p. 19.

Poesia Brasileira (1841). Sua classificação separava a história literária nacional em seis partes: 1^a “desde o descobrimento do Brasil até fins do décimo sétimo século”; 2^a “começo até meado do século décimo oitavo”; 3^a “meado até fins do século décimo oitavo”; 4^a “começo do século décimo nono até ao momento da proclamação da independência nacional”; 5^a “época da independência” e, 6^a “da reforma da poesia e do engrandecimento da literatura nacional.”⁶¹

Assim, Joaquim Norberto dedicou-se ao estudo do passado literário brasileiro, ao realizar pesquisas sobre os poetas e literatos brasileiros e ordená-los, algo que marcou as produções sobre o tema, pois, “se não foi a mais importante (talvez tenha sido), foi seguramente, sob muitos aspectos, um pioneiro.”⁶² Entretanto, é necessário problematizar essa noção de vanguarda narrativa adotada por J. Norberto, pois o próprio letrado afirmou que essa prática de divisões “das épocas da nossa história política”⁶³ já vinha sendo debatida no Instituto Histórico e Geográfico, o que denota que “classificar” era um método utilizado nesse período. Além disso, no século XIX alguns outros escritores se dispuseram a estudar a História da Literatura do Brasil, como Ferdinand Denis, com seu livro *Résumé de l’Histoire Littéraire Du Brésil* (1826); Gonçalves de Magalhães, com o seu *Estudo Preliminar sobre a História da Literatura do Brasil* (1834), entre outros.

Nesse período, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiros (IHGB), fundado no dia 21 de outubro de 1838, a partir do modelo do Instituto Histórico de Paris (IHP), tornara-se a principal instituição destinada às letras⁶⁴ no Brasil, com o objetivo de “traçar a gênese da nacionalidade brasileira” e coletar “documentos relevantes para a história do Brasil”⁶⁵. Entre os membros do IHGB encontravam-se advogados, literatos, poetas, entre outras figuras⁶⁶, como o próprio imperador D. Pedro II, que frequentava as reuniões e concedia incentivos para as pesquisas empreendidas pelos sócios, o que fortaleceu as relação entre a instituição e o poder imperial, interessado na “elaboração de uma história nacional”⁶⁷ que mostrasse ao mundo o Brasil como uma Nação. Coube, portanto, aos sócios do Instituto investir nos “procedimentos coletivos de reconstrução do passado”⁶⁸, em uma articulação de demandas políticas que se combinavam “na tarefa de

⁶¹ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. Introdução Histórica sobre a Literatura Brasileira. In: _____. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. p. 48.

⁶² MIRANDA, José Américo. A invenção da Literatura. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. p. 6.

⁶³ SILVA, Op.cit., p. 45-47.

⁶⁴ SCHWARCZ, Lilia K. M.. Os Institutos Históricos e Geográficos: “Os guardiões de nossa história oficial”. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 101.

⁶⁵ GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, v. 1. n. 1, jan/maio.1988. p. 7-8.

⁶⁶ ENDERS, Armelle. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014.

⁶⁷ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011. p. 53.

⁶⁸ GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007. p. 96.

reconstruir o passado do Brasil pela via de uma narrativa que integre experiências passadas a um tempo e espaço agora percebidos como nacionais.”⁶⁹

Dessa maneira, o IHGB buscou promover iniciativas para que seus sócios concretizassem seus interesses⁷⁰. Dentre os que se envolveram em tais ideias podemos citar: Francisco Adolfo de Varnhagen, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo e Joaquim Norberto de Sousa e Silva, que acabaram por tornarem-se adeptos do projeto nacionalista que visava “pensar a história do país” a partir de uma perspectiva em que o discurso literário e histórico se articulavam na composição de uma narrativa “que corporificasse este vasto país, carente de delimitações não só territoriais”⁷¹, mas também históricas.

Exemplo disso, eram as pesquisas de Varnhagen que, em 1841, defendia o estudo da língua indígena “para o bem da História e da Geografia, e de todos os ramos da literatura que um dia há de ter este abençoado país”⁷². No mesmo ano, J. Norberto publicou um estudo intitulado *Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro*, onde descreve a formação de etnias que viviam na região do Rio de Janeiro⁷³ no período colonial.

Para tornar acessível tais estudos para um público mais amplo, foi criada em 1839, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que trazia aos leitores os estudos que versavam “sobre a história e a geografia do país” com objetivo de contemplar as especificidades de nossa Nação. A organização interna da Revista, podia ser “dividida em três partes distintas”⁷⁴: 1º artigos e documentos vinculado às pesquisas; 2º biografias de brasileiros, uma das seções de maior destaque intitulada “Brasileiros ilustres pela ciência, letras, armas e virtudes, etc.”⁷⁵; e, 3º atas das sessões do Instituto, tornando aberta a todos as discussões políticas, históricas, geográficas e etnográficas desenvolvidas, além da admissão de novos membros.

Assim, o aceite Joaquim Norberto de Sousa e Silva como membro efetivo do IHGB apareceu na Revista como tendo ocorrido na sessão do dia 12 de agosto de 1841. Sócio do Instituto, o letrado se fez

⁶⁹Ibidem, p. 102.

⁷⁰ Assim como instituições europeias, desde sua fundação o IHGB promoveu concursos em vias de estabelecer um método para a escrita da História do Brasil, responsável por abranger diversos aspectos da vida social e cultural do país. Entre eles, destacou-se o concurso vencido pelo bávaro Carl Friedrich Phillip von Martius com a dissertação intitulada: *Como se deve escrever a história do Brasil* (1843), que incluía a participação dos indígenas no início do texto e pela primeira vez trazia os negros como figuras que auxiliaram a formação da nação brasileira. Ver: CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.) et al. *História Cultural. Experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 174.

⁷¹ SCHWARCZ, Lilia K. M.. Introdução. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 4.

⁷² VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, t. 3, p. 53-63, 1842. p. 54.

⁷³ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo XVII, p. 109-552, 1854.

⁷⁴SCHWARCZ, Lilia K. M.. Os Institutos Históricos e Geográficos: “Os guardiões de nossa história oficial”. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 109.

⁷⁵ ENDERS, Armelle. “Plutarco Brasileiro” A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, p. 41-62, 2000.

presente em diversas atividades como: membro da comissão encarregada de erigir na corte a estátua equestre do fundador do Império (set/1854), secretário da comissão encarregada de erigir a estátua de José Bonifácio (jul/1861), propôs a criação da categoria de sócios beneméritos (jun/1890), dentre outras tarefas⁷⁶. Além disso, na sessão de 15 de dezembro de 1849, com a mudança da sede do IHGB para o Paço da Cidade, D. Pedro II distribuiu quatro temas para alguns membros do Instituto produzirem dissertações⁷⁷. Para Joaquim Norberto de Sousa e Silva, coube o tópico “O descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve ele alguns indícios para isso?”⁷⁸ No ano seguinte, o letrado suscitou questionamentos acerca do “propósito do descobrimento do Brasil”, sendo o “primeiro a levantar a hipótese da intencionalidade da chegada dos portugueses ao Brasil, o que provocou veemente reações, publicadas no início da década.”⁷⁹ A pesquisa completa se tornou pública nas páginas da Revista do IHGB no tomo XV, no ano de 1852.

Em 1854, J. Norberto publicou no tomo XVII da Revista do Instituto seu mais longo trabalho de pesquisa histórica, com um total de 443 páginas, intitulado *Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro*. No início do texto, o letrado indica um princípio de escrita da História que se apartava da escrita literária, pois, demarca que “não aventurei uma só expressão sem que fosse baseada em documentos, para que se me não taxasse de romântico o que é meramente histórico” e complementa apontando que na falta de documentos, “firmei-me no testemunho das obras impressas, das quais nem sempre me fiei sem o mais minucioso exame e confrontação: si errei, tive os melhores desejos, empreguei todos os meus esforços para acertar”.⁸⁰

É interessante notar que ainda que existisse uma fluidez entre História e Literatura, há diferenças quanto a compreensão de sua intencionalidade discursiva, pois a História dedica-se ao fatos “verídicos” e a Literatura escreve “sobre o que poderia ter acontecido”⁸¹. É importante evidenciar que Joaquim Norberto percebia certa disparidade entre as formas de narrar, tendo em vista que o mesmo buscou afastar-se do estilo romântico e mobilizar metodologias que se estabeleciam como científicas para produzir sua pesquisa histórica.

⁷⁶ SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

⁷⁷ A Antônio Gonçalves Dias coube “comparar o estado físico, intelectual e moral dos indígenas da quinta parte do mundo com o estado físico, intelectual e moral dos indígenas do Brasil”; a Duarte da Ponte Ribeiro foi destinado falar sobre “que usos, costumes, palavras e frases dos índios do Brasil andam hoje no trato comum da sociedade polida dos brasileiros”; a Francisco de Paula Menezes, “o estudo e imitação dos poetas românticos promove ou impede o desenvolvimento da poesia nacional?”;

⁷⁸ 212^a SESSÃO em 15 de dezembro de 1849. *Revista Trimestral do IHGB*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, 1849. p. 554.

⁷⁹ ENDERS, Armelle. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014. p. 106.

⁸⁰ SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Memória Histórica e Documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro. Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo XVII, p. 109-552, 1854. p. 110.

⁸¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova histórica. *Revista Nuevo Mundo*, Jan/2006. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso em: 05/10/2017.

Além dos textos longos, o letrado teve nove textos biográficos publicados na *Revista do Instituto*⁸², além de discursos e pronunciamento⁸³. Essas falas podem ser atribuídas às funções administrativas desempenhadas por Joaquim Norberto no Instituto Histórico, primeiramente como de secretário e depois como presidente do IHGB (1886-1891), após o falecimento do Visconde de Bom Retiro⁸⁴. Seguramente, o Instituto era uma associação que servia como “um local de projeção intelectual” e também “um espaço de promoção pessoal”, devido às relações do Instituto com o poder Imperial. Nesse sentido, o cargo de presidente honorário era destinado ao imperador D. Pedro II, e ainda que para ser presidente fosse requerida a posição de “político renomado”, Joaquim Norberto ocupou a função por cinco anos. É interessante destacar também que aos presidentes cabia cumprir “funções basicamente figurativas – abrindo seções ou lendo atas previamente elaboradas –, aos secretários cabiam papéis bem mais trabalhosos”⁸⁵, fator que pode justificar sua posição ao cargo. Podemos, dessa forma, evidenciar a participação de J. Norberto como homem público, interessado pelo “mundo das letras” e pelas “cousas pátrias”⁸⁶ como um ponto marcante em sua trajetória.

Assim, é possível concluir que J. Norberto publicou na *Revista do IHGB* sobre cinco temas principais: 1) Descobrimento do Brasil; 2) História das populações indígenas; 3) Biografias; 4) Discursos e pronunciamentos especiais; 5) Poemas. Dessa forma, fica demonstrado que a pesquisa e a periodização da história da literatura brasileira realizada por Joaquim Norberto o inclui nos debates culturais presentes desse contexto histórico sobre o passado literário do Brasil. Pensar essas diferentes produções do letrado contribui para o desenvolvimento da investigação acerca de suas proposições de estudo ao contemplar na História e na Literatura princípios de “interlocução entre contexto e autor, pois autores e obras literárias são acontecimentos datados, historicamente condicionados, valem pelo que expressam aos contemporâneos”⁸⁷.

⁸² Biografias publicadas também na *Revista Popular*. Destas, eram cinco mulheres: D. Maria Úrsula de Abreu Lencastre; D. Clara Filippa Camarão; D. Rosa Maria Siqueira; Damiana da Cunha; Beatriz de Assis e quatro homens: Bento Teixeira Pinto; Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa; Casimiro de Abreu e Laurindo José da Silva Rabello.

⁸³ Como no caso do discurso na Sessão magna de aniversário do IHGB no dia 15 de dezembro de 1880; do discurso de abertura pelo Quinquagénario do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, na Sessão Imperial em 21 de outubro de 1888, com a presença da princesa imperial, do Conde d’Eu e do imperador D. Pedro II.

⁸⁴ SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva*: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. p. 90.

⁸⁵ SCHWARCZ, Lilia K. M.. Os Institutos Históricos e Geográficos: “Os guardiões de nossa história oficial”. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 105.

⁸⁶ SOARES, Op.cit., p. 35.

⁸⁷ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: _____. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 8-9.

Considerações finais

O Brasil oitocentista tornou-se palco de inúmeros debates sobre a cultura e a política nacional. Como apontado ao longo deste trabalho, no âmbito da Literatura, o Romantismo se disseminou entre os escritores brasileiros a partir da publicação da *Nitheroy, Revista Brasiliense* organizada em conjunto por Gonçalves de Magalhães, Manuel de Araújo Porto Alegre e Torres Homem, cujo destaque recaía na frase estampada na capa “Tudo pelo Brasil, e para o Brasil”. Na escrita da História, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, fomentou os estudos de cunho científico no país. A criação de uma *Revista* para o IHGB tornou acessível às pesquisas realizadas por seus membros e, na historiografia brasileira, configura-se em uma fonte privilegiada de estudos. Trata-se de um diversificado espaço de leitura, tendo em vista as diferentes seções que contemplavam desde temas ligados à literatura, história, transcrição de documentos, estudos botânicos e geográficos, até atas de reuniões. As produções dos sócios do Instituto visavam auxiliar na construção de uma História e de uma delimitação geográfica para o Brasil.

Dentre os homens que se dedicaram à essas produções evidenciou-se a participação de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, literato, funcionário da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro e pesquisador. Conforme demonstrado, a relação de Joaquim Norberto com o Romantismo no final da segunda metade do século XIX e sua associação ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro o colocou em contato com os principais debates culturais e políticos desse contexto histórico, centrado nas discussões em torno da constituição de uma cultura e de um passado autenticamente nacionais para o Brasil. Essas questões articulavam-se ao projeto do governo central, que pretendia criar uma unidade para o país e vencer os levantes separatistas, de modo a manter o território brasileiro. Os estudos de J. Norberto, assim como seus contemporâneos, Francisco Adolfo de Varnhagen, Januário da Cunha Barbosa e Gonçalves de Magalhães versavam entre a Literatura e a História, tendo em vista a fluidez entre ambos os estilos narrativos nesse período do oitocentos. Os estudos publicados na *Revista* do IHGB permitem-nos pensar sobre a escrita do passado e as pesquisas realizadas por seus sócios com o propósito de perceber criticamente as conexões e as intenções do escritor presentes nesses textos. A *Revista* do Instituto, portanto, comporta múltiplas problemáticas, pois, a escrita da História encontrava-se articulada à construção de uma memória desse passado nacional que se buscava criar⁸⁸.

No caso especial de Joaquim Norberto, esses estudos se imbricavam e o delineavam enquanto um “homem de letras” no Brasil imperial, tendo em vista que “não é somente a condição de leitor e escritor que caracteriza” esses letreados nessa categoria, mas também a “participação desse indivíduo nas pequenas

⁸⁸ GUIMARÃES, Manoel Luiz Lima Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2003. p. 18.

sociedades onde os eruditos se encontram, discutem e mantêm trocas culturais".⁸⁹ Caso de sua participação como membro efetivo e posteriormente presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Conclui-se que Joaquim Norberto de Sousa e Silva, esteve envolvido com produções históricas e literárias na segunda metade do século XIX, movimentos literários e instituições que fomentavam debates nacionais, o que denotou a fluidez entre a Literatura e a História ao longo do oitocentos e, como os sujeitos históricos agem a partir de sua realidade, dos interesses que defendem e do contexto em que viveram.

Referências

ADVERTENCIA sobre a presente edição. In: ABREU, Casimiro de. *Obras completas de Casimiro de Abreu*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1877. s./p..

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: _____. (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1997. pp. 12-93.

ALVES, José Luiz. Elogio dos sócios falecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo LV parte II, p. 484-488, 1893.

AZEVEDO, Sílvia Maria. *Joaquim Norberto de Sousa Silva: poeta, dramaturgo e romancista*. s./p.. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/106>> Acesso em: 21 out. 2017.

BORGES, Vera Hercília Faria Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. pp. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 183-191.

CANDIDO, Weslei Roberto; CAIRO, Luiz Roberto Velloso. As contribuições da Nitheroy, Revista Brasiliense na constituição do campo intelectual brasileiro. *TriceVersa*, Assis, v.1, n.2, p. 112-133, nov. 2007/abr. 2008.

CARVALHO, José Murilo de. A elite política nacional: definições. In: _____. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Teatro de sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 49-62.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: _____. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. pp. 7-15.

CRÔNICA da Semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 136, p. 1, 17 de maio de 1891.

ENDERS, Armelle. "Plutarco Brasileiro" A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado. *Estudos Históricos*, v. 14, n. 25, p. 41-62, 2000.

⁸⁹ CHARTIER, Roger *apud* VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001. p. 29.

_____. *Os vultos da nação: fábrica de heróis e formação dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014.

FERREIRA, Cristina. Souza, Laura de Mello e. Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 437-440, 2012.

FERREIRA, Cristina; LENZ, Thiago. A Confederação dos Tamoios, de Gonçalves de Magalhães, e as polêmicas literárias com José de Alencar sobre a natureza e os povos indígenas do Brasil (1856). In: SILVA, Bruno da; FURTADO, André Carlos (Orgs). *Passados impressos: estudos sobre a circulação de ideias (séculos XVII-XX)*. Curitiba: Editora CRV, 2018. pp. 123-141.

GUIMARÃES, Manoel Luis Lima Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural. Experiências de Pesquisa*. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora, 2003. pp. 9-24.

_____. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de (Org.). *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2007. pp. 203-233. pp. 93-122.

_____. *Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

_____. Nação e Civilização nos Trópicos O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, v. 1. n. 1, p. 5-27, jan/maio.1988. HALLEWELL, Laurence. Baptiste Louis Garnier. In: _____. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. pp. 195-226.

JOAQUIM Norberto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XVII, n. 134, p. 1, 15 de maio de 1891.

LENZ, Thiago. *O Guarani e os nativos idealizados pelo romantismo histórico: José de Alencar entre a Literatura e a História no Brasil oitocentista*. 2015. 92f. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História e Geografia, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2015.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006. pp. 167-182.

MIRANDA, José Américo. A invenção da Literatura. In: SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. *Capítulos de história da literatura brasileira e outros estudos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da IFMG, 2001. pp. 5-24.

MOREIRA, Maria Eunice. Joaquim Norberto e a Revista Popular. *Letras de Hoje*, Porto Alegre/Brasil, v. 31, n.4, p. 53-61, 1996.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Historiadores e texto literário: alguns pontamentos. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 44, p. 37-48, 2006.

NITHEROY, Revista Brasiliense. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, 1836.

NOTÍCIAS Diversas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, 15 de maio de 1891.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova histórica. *Revista Nuevo Mundo*, Jan/2006. Disponível em: <<https://nuevomundo.revues.org/1560>> Acesso em: 05/10/2017.

_____. Os novos parceiros da História: nas fronteiras do conhecimento. In: _____. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. pp. 107-114.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces*, p. 44-56, agosto, 2007.

SALIBA, Elias Thomé. As utopias românticas. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SCHWARCZ, Lilia K. M.. Introdução. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 11-22.

_____. Os Institutos Históricos e Geográficos: “Os guardiões de nossa história oficial”. In: _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 99-140.

212^a SESSÃO em 15 de dezembro de 1849. *Revista Trimestral do IHGB*. Tomo XII. Rio de Janeiro: Companhia Tipográfica do Brasil, p. 550-557, 1849.

SILVA, Giuslane Francisca da Silva; GAMA, Luciana Coelho. Entre a Monarquia e a República: imagens de Tiradentes em Joaquim Norberto de Souza e Silva e Lúcio José dos Santos. *Em tempos de Histórias*, Brasília, n. 26, p. 100-112, jan./jul 2015.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. Introdução Histórica sobre a Literatura Brasileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo IV, p. 357-364, 1859. A continuidade encontra-se no tomo V, p. 21-33, 1860.

_____. Memória histórica e documentada das aldeias de índios da província do Rio de Janeiro. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, tomo XVII, p. 109-552, 1854.

_____. Nacionalidade da Literatura Brazileira. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo VI, p. 298-, 1860.

SOARES, Sônia Regina Pinto. *Joaquim Norberto de Souza e Silva: Historiador um olhar sobre Minas Gerais Colonial*. 2002. 267 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2002.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Joaquim Norberto e o indianismo. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 15-31, 2012.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Memória sobre a necessidade do estudo e ensino das línguas indígenas do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. 3, p. 53-63, 1842.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

Recebido em 26/06/20 aceito para publicação em 06/08/20



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhamento 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 46 – segundo semestre/2020

ISSN 2317-4021